

(RE)EXISTIR NA FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECCIONALIDADE, BRANQUITUDE E MONITORIA COMO PRÁTICA FORMATIVA NA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Wesley Barbosa Rosendo¹; Maria Jayline Pereira da Silva²; Raurislandia dos Santos Pereira³

¹Mestrando pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB/Brasil - Email: wesleyr221@gmail.com, ²Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB/Brasil - Email: mjayline318@gmail.com, ³Mestranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN/Brasil - Email: raurislandia2000@gmail.com

Introdução

Pensar a formação docente no Brasil a partir da experiência do projeto de monitoria no ensino superior implica fazer um deslocamento epistemológico que rompe com modelos universalizantes de ensino, historicamente ancorados em matrizes eurocêtricas e brancas. Com isso, esse movimento exige reconhecer que o espaço educacional superior é um território interseccionado por relações históricas de poder que se materializam nas dimensões de raça, gênero e classe, organizando hierarquias e legitimidades sociais. Nesse viés, o projeto de monitoria constitui-se como um espaço estratégico de mediação pedagógica, no qual se desvelam as tensões entre saberes hegemônicos brancos e saberes marginalizados. A partir disso, a educação para as relações étnico-raciais deve ser um dos eixos estruturantes da prática pedagógica docente. Assim, mais do que nomear privilégios sociais, é necessário problematizar as performances cotidianas da branquitude através de seus gestos, discursos e omissões (Bento, 2022; Julio, 2021) que atuam na manutenção de um padrão social branco como medida normativa de humanidade (Cardoso, 2014), de produção de conhecimento e prática docente.

Minha formação docente, atravessada pela experiência do projeto de monitoria no componente curricular *Fundamentos Antropofilosóficos da Educação*, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) aos cursos de licenciatura, constitui-se como um processo de deslocamento existencial e de (re)existência. Tal experiência me levou a reconhecer outros lugares de enunciação, tensionando perspectivas hegemônicas brancas e ampliando minha compreensão sobre o fazer pedagógico. Nesse percurso, tornou-se possível vislumbrar a construção de práticas educativas comprometidas com a justiça social. Dito isso, essa construção implica abrir espaço para epistemologias outras, legitimar narrativas historicamente silenciadas e atuar na construção de uma educação que não produza e reproduza desigualdades sociais. É nesse campo de disputas que se insere o componente curricular *Fundamentos Antropofilosóficos da Educação*, cuja proposta formativa à monitoria e a turma possibilitou problematizar os fundamentos ontológicos e epistemológicos da educação, compreendendo-a como prática social. Por isso, este trabalho emerge da experiência de monitoria desenvolvida no período letivo 2020.2, em contexto de ensino remoto na graduação, durante a pandemia da Covid-19.

Esta pesquisa compreende a monitoria enquanto um território que produz deslocamentos e inaugura outras possibilidades de ser, ensinar e aprender. Ao situar a monitoria nesse horizonte, rompe-se com a concepção tradicional de suporte técnico ao ensino, passando a entendê-la como um território formativo atravessado por disputas epistemológicas, políticas e simbólicas, no qual diferentes sujeitos negociam sentidos, legitimidades e formas de presença.

Nesse contexto, a noção de (re)existência ganha densidade ao evidenciar que os sujeitos implicados no processo educativo, principalmente, aqueles historicamente marginalizados constroem, a partir de suas trajetórias de vida, práticas sociais, saberes e estratégias que tensionam e reconfiguram o cotidiano acadêmico. A partir de uma perspectiva interseccional (Akotirene, 2019), esta pesquisa busca compreender como a experiência no projeto de monitoria no ensino superior é atravessada por múltiplos marcadores sociais como raça, gênero e classe que incidem sobre as formas de acesso, permanência e produção de conhecimento dos estudantes. Tal abordagem permite analisar suas dinâmicas complexas e interdependentes. Além disso, ao articular a interseccionalidade e branquitude, este trabalho reafirma a necessidade de pensar e repensar a formação docente como um campo de transformação social, no qual é possível construir, coletivamente, caminhos potentes de reinvenção pedagógica, capaz de contribuir para a formação inicial de professores através de uma educação plural, equitativa e socialmente engajada.

Metodologia

A presente pesquisa realizada na graduação assume uma abordagem quali-interpretativista, de caráter descritivo-analítico, ancorada na experiência monitorial como campo de análise, formação e produção de conhecimento. Tal escolha metodológica parte do entendimento de que os processos educativos devem ser compreendidos em sua complexidade, considerando os sentidos produzidos pelos sujeitos em suas interações e vivências no espaço acadêmico. Este trabalho se volta para a análise da experiência do monitor enquanto sujeito no processo educativo. Nesse sentido, considera-se que a monitoria é um lugar de enunciação atravessado por marcadores sociais da diferença, nos quais raça, gênero, classe e outras dimensões estruturam os modos de ensinar, aprender e existir. Diante disso, as atividades na realização da monitoria foram desenvolvidas em contexto remoto, por meio da plataforma *Google Meet*, com encontros síncronos semanais, complementados por interações assíncronas via *WhatsApp* e Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). Nesse cenário ocasionado pela pandemia da *Covid-19*, foi compreendido como um campo fértil de análise, no qual se intensificaram os tensionamentos já existentes no ensino superior. A mediação tecnológica demonstrou desigualdades sociais relacionadas ao acesso à internet, às condições materiais de estudo e à disponibilidade de tempo dos estudantes. Diante disso, o ensino remoto, revelou-se como um espaço ambivalente, porque ao mesmo tempo em que ampliou possibilidades de interação e experimentação pedagógica, também expôs as fragilidades estruturais que atravessam a educação brasileira. Ao assumir a monitoria como campo de investigação, este trabalho assume a concepção de que a formação docente se constrói na prática, na relação com o outro e na reflexão sobre as experiências vividas.

A atuação monitorial envolveu participação ativa em reuniões de planejamento e avaliação com o professor-orientador; acompanhamento das aulas; mediação de discussões; apoio pedagógico individual e coletivo aos estudantes; organização de registros acadêmicos; e elaboração de estratégias didáticas voltadas à ampliação da participação discente. Tais práticas pedagógicas foram concebidas como experiências formativas, nas quais o monitor também se constituiu como sujeito em processo, atravessado por aprendizagens, deslocamentos e tensionamentos. A partir disso, o *corpus* analítico foi constituído por registros produzidos ao longo da atuação monitorial, incluindo anotações reflexivas, interações síncronas no *Google Meet* com a turma, mensagens trocadas via *WhatsApp* e observações das dinâmicas de participação discente.

Resultados e Discussões

A experiência monitorial evidenciou, que a formação docente, se inscreve como um processo de constituição de práticas pedagógicas. Observamos que tal formação se dá no entrecruzamento de trajetórias, marcadores sociais e experiências diversas, tornando visível que ensinar e aprender são práticas atravessadas por disputas de sentido, pertencimento e poder. Nesse cenário, a interação entre professor, monitor e estudantes instaurou um espaço de escuta e partilha no qual emergiram narrativas plurais, frequentemente silenciadas nos modelos tradicionais de ensino. As discussões desenvolvidas ao longo da disciplina possibilitaram tensionar a ideia de conhecimento universal. A partir desse deslocamento, os estudantes foram provocados a reconhecer a universidade ou organizações como espaços atravessados por relações de poder que tanto produzem e reproduzem quanto podem contestar desigualdades raciais, sociais e culturais (Bento, 2022; Cardoso, 2014). Tal compreensão foi fundamental para reposicionar a docência como prática de intervenção pedagógica, capaz de desestabilizar narrativas hegemônicas e abrir fissuras para a emergência de outras formas de existência e produção de conhecimento.

Nesse contexto, a interseccionalidade mostrou-se fundamental para a análise das dinâmicas vivenciadas (Akotirene, 2019), sobretudo ao desnudar que sujeitos historicamente marginalizados produzem saberes, linguagens e estratégias que reinventam o cotidiano educativo. Além disso, o contexto do ensino remoto explicitou de maneira aguda as desigualdades estruturais que atravessam a educação brasileira. Questões como acesso à internet, condições materiais de estudo e disponibilidade de tempo evidenciaram que a participação discente é profundamente marcada por fatores socioeconômicos e raciais. No entanto, ao mesmo tempo em que revelou tais assimetrias, o ensino remoto também possibilitou a experimentação de novas formas de interação, ampliando, em alguns casos, as possibilidades de participação e expressão. Ao tensionar a branquitude como norma silenciosa no espaço acadêmico (Cardoso, 2014), às discussões promoveram um movimento de desnaturalização dos privilégios e das hierarquias raciais que estruturam a produção do conhecimento. Esse processo foi importante para provocar deslocamentos nos sujeitos envolvidos, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento de seus próprios lugares de fala e às implicações de suas práticas. Por fim, os resultados apontam que a monitoria, quando atravessada por uma perspectiva interseccional, constitui-se como um espaço potente de articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Durante uma das aulas síncronas, ao propor aos alunos que colocassem palavras-chave sobre a “O que é desigualdade racial no Brasil”? As palavras mais recorrentes foram “Racismo” ou “Racismo Estrutural”, “Mito da democracia racial”, “precarização do trabalho”. A partir dessas colocações, foi realizada uma mediação pedagógica que tensionou essas perspectivas, convidando a turma a refletir sobre privilégios raciais historicamente construídos. Nesse momento, outros estudantes passaram a relatar experiências pessoais relacionadas ao racismo estrutural, evidenciando desigualdades no acesso à educação e ao mercado de trabalho. Essa situação possibilitou observar um deslocamento discursivo coletivo, no qual a ideia meritocrática foi sendo questionada e substituída. Tal movimento evidenciou como a monitoria pode atuar como espaço de desnaturalização da branquitude enquanto norma silenciosa, promovendo a emergência de leituras mais complexas sobre a realidade social.

No âmbito das interações assíncronas mediadas pelo *WhatsApp*, evidenciaram-se assimetrias significativas nos modos de participação da turma. Enquanto parte da turma conseguiu

acompanhar as atividades com relativa regularidade, outros estudantes apontaram entraves, como a limitação de acesso à internet, a necessidade de conciliar estudos com jornadas de trabalho e a intensificação das demandas familiares no contexto pandêmico. Um caso, em particular, tornou-se emblemático: uma estudante relatou que seu acesso às atividades se dava exclusivamente por meio do aparelho celular. Tal relato tensiona a noção de “acesso” como algo homogêneo, revelando suas camadas desiguais e materialmente condicionadas. Diante desse cenário, a prática pedagógica foi reconfigurada em direção a uma maior flexibilidade, com a ampliação de prazos, a diversificação das formas de participação e a valorização de diferentes ritmos de aprendizagem. Essa experiência tornou visível, no cotidiano da monitoria, a forma como marcadores sociais da diferença se entrecruzam no processo educativo, produzindo desigualdades que extrapolam o âmbito estritamente pedagógico.

Durante a mediação de uma atividade reflexiva, foi proposta à turma a elaboração de relatos sobre suas trajetórias educacionais. A partir dessa proposta da *Escrevivência* a partir de Evaristo (2020), emergiram narrativas que evidenciam experiências de exclusão, racismo e invisibilização no espaço escolar na educação básica. Nesse processo, a atuação monitorial foi fundamental para garantir um ambiente de escuta sensível, no qual os estudantes se sentiram legitimados a compartilhar suas vivências. As discussões que se seguiram possibilitaram reconhecer esses relatos como formas legítimas de produção de conhecimento. Esse movimento contribuiu para reposicionar os estudantes como sujeitos epistêmicos, evidenciando a monitoria como um espaço de construção coletiva de saberes e de valorização de epistemologias outras.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas neste estudo evidenciam que a monitoria, constitui-se como um espaço formativo, atravessado por disputas epistemológicas e simbólicas. Ao ser analisada a partir de uma perspectiva interseccional (Akotirene, 2019), foi possível compreender que a formação docente é marcada pelos efeitos de raça, gênero e classe, que incidem sobre os modos de ensinar, aprender e existir no espaço acadêmico. Os resultados apontam que a experiência monitorial possibilitou a emergência de práticas pedagógicas comprometidas com a escuta, o reconhecimento das diferenças e a valorização de saberes historicamente marginalizados. Nesse processo, a problematização da branquitude enquanto norma silenciosa (Bento, 2022; Cardoso, 2014; Kilomba, 2019) contribuiu para a desnaturalização de privilégios e para a construção de leituras crítico-reflexivo acerca das desigualdades que estruturam o ensino superior. Tais deslocamentos, ainda que situados, indicam a importância da monitoria enquanto processo formativo capaz de tensionar os modelos hegemônicos de produção de conhecimento. Ademais, o contexto do ensino remoto, intensificado pela pandemia da Covid-19, revelou que as desigualdades estruturais atravessam a educação brasileira, ao mesmo tempo em que abriu brechas para a experimentação de novas práticas pedagógicas. Nesse cenário, a monitoria assumiu um papel central na mediação das relações pedagógicas, contribuindo para a ampliação das possibilidades de participação e para a construção de estratégias pedagógicas às condições dos estudantes. Dessa forma, conclui-se que pensar a formação docente a partir da monitoria implica reconhecer esse espaço como um território de (re)existência, no qual se articulam experiências, saberes e práticas que desafiam a lógica homogênea da educação tradicional. Ao assumir essa perspectiva, reafirma-se a necessidade de investir em práticas formativas que promovam uma educação antirracista, plural e socialmente comprometida, capaz de contribuir para a formação de professores. Por fim, este estudo tem como intuito esgotar as discussões sobre a temática, mas sinaliza caminhos possíveis para a reinvenção da monitoria como prática

pedagógica, destacando sua relevância na construção de uma universidade mais inclusiva às múltiplas formas de existência que a constituem.

Palavras-chave: monitoria acadêmica; interseccionalidade; branquitude.

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, 2014.

EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020a.

JULIO, Michele Távora. **Pedagogia da branquitude**: o branco-discurso hegemônico nos artefatos midiáticos, UFPB, João Pessoa-PB, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** - Episódios De Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

XVI
FRPED

